

D. J. GONÇALVES DE MAGALHÃES E A ESTÉTICA ROMÂNTICA NO BRASIL

Maria de Jesus Evangelista

Nenhum escritor fez tão rápida e tão brilhante carreira: nenhum teve tanta fama, tão fácil nomeada e nenhum caiu tão depressa e tão profundamente. Hoje é preciso reabilitá-lo, fixando-o num lugar definitivo.

— *Sílvio Romero*

Cento e cinquenta anos depois, esse lugar "definitivo", reclamado por Sílvio Romero para Domingos José Gonçalves de Magalhães (GM) parece estar fixado. Definitivo ou não é que não se pode dizer. A literatura é um processo dinâmico, e revisão de posições de escritores é um fenômeno constante em crítica. A poesia e a sua crítica é algo dinâmico. Sempre haverá aspectos distintos a serem observados numa obra poética da invigadura da de GM. O seu lugar de introdutor de uma estética nova na poesia brasileira é definitivo, a estética romântica, com o livro publicado em Paris, em julho de 1836, **Suspiros Poéticos e Saudades (SPS)**. Portanto, fixar o seu lugar na Literatura Brasileira, qualquer que seja a visão que se tenha de sua obra, será esta: a de introdutor da estética romântica no Brasil, à época do início de sua ação poética, já estruturada, vigente em toda a Europa, notadamente na França, onde GM se encontrava e de onde lança as "idéias modernas através da Niterói — Revista Brasiliense e da "Advertência" dos SPS com a nova "poesia d'alma e que só pela alma será compreendida"⁽¹⁾.

Assim, pois, será nessa direção o que de mais importante poderá ser revelado na obra do Visconde de Araguaia, obra hoje em dia tão difícil, ou quase impossível, de ser consumida, até mesmo por especialistas da literatura, que certamente pouco encontrarão aí de verdadeiramente peregrino no que concerne ao nível poético.

Volte-se, pois, a nossa análise para os aspectos históricos e teorizadores de sua produção literária, grande e abrangente — história e crítica literárias, romance, teatro, mas sobretudo poesia. Pretendendo GM em toda ela teorizar sobre o Romantismo, expõe os seus princípios de liberdade de inspiração, quase extremados no que concerne ao nacionalismo

⁽¹⁾ D. J. Gonçalves de Magalhães. "LEDE", in *Suspiros Poéticos e Saudades*, 5a. edição, Brasília, Edunb/Minc/Pró-Memória/INL, 1986 (As poesias citadas são desta edição).

e à religião; e liberdade de expressão, esta adequando-se espontaneamente à ordem de como as idéias se apresentam à sensibilidade do poeta.

Essa teoria, seguida por todos os românticos, e extremamente ousada para a época, é retomada pelos modernistas de 22, e guarda, mesmo ainda na atualidade, o seu tanto de credibilidade. Esses princípios, pertinentes sobretudo na poesia, são expostos também na História e na Crítica de GM, com especial ênfase no seu Teatro, como se verifica no "Prefácio" de sua peça **Antônio José ou o Poeta da Inquisição**, publicado em 1839, onde, pela primeira vez no Brasil, foi usado o termo Romantismo em oposição a Neoclassicismo.

Como se trata de um escritor sempre citado, mais pelos SPS do que por qualquer outro dos seus livros, mas como se trata ao mesmo tempo de um autor pouco conhecido nos seus textos, citamos as seus principais obras literárias todas elas entusiasticamente elogiadas na época tanto por seus amigos quanto pela crítica: "Durante pelo menos dez anos ele foi a literatura brasileira; a impressão de quem lê artigos e prefácios daquele tempo é que só se ingressava nela com o seu visto. O "sr. Magalhães" era considerado gênio, guia, fundador, com o qual haveria de começar a fase definitiva da nossa literatura", historia Antonio Candido na sua **Formação da Literatura Brasileira**⁽²⁾.

O primeiro livro publicado de GM foi **Poesias**, de 1832, no mesmo ano em que se formava em medicina, aos vinte e um anos. Trata-se de composições de feição neoclássica, escritas no seu tempo de estudante, mas já com a seriedade artística que lhe era particular e com grande disposição para a criação poética. O livro, como era comum na época, se compõe também de um "Prefácio" em que Magalhães expõe as suas idéias sobre poesia, dando início, assim, a formulação do que viria a ser a sua Teoria do Romantismo.

O ano de 1836 é para GM, e conseqüentemente para a Literatura Brasileira, muito importante. Ele e seu grupo, ao qual Antonio Candido chama de **grupo de Paris**⁽³⁾, editam a revista **Niterói — Revista Brasileira**, de abrangente significação para as letras e a cultura brasileiras. Nesse mesmo ano GM publica o escrito **Episódio da Infernal Comédia**, uma espécie de sátira, a ser recuperada pela crítica, e que demonstra a grande atividade do empenhando escritor. O ano de 1836 no entanto se celebra na História literária brasileira é pela publicação dos famosos SPS, motivo de grande sucesso de seu autor e que se tornou o mais citado de todos os seus livros, reconhecido unanimemente como "o inagurador" do Romantismo no Brasil. A importância desse livro reside so-

(2) Antonio Candido. **Formação da Literatura Brasileira**, São Paulo, Martins, 1959, p. 55.

(3) Ibid., p. 58.

bretudo na "Advertência" — "LEDE" -, principal texto da teoria romântica de GM, e nos poemas a que chamo de metapoéticos, quais sejam "Invocação ao Anjo da Poesia / A Voz de Minha Alma". Aqui GM abdica do Neoclassicismo em favor do Romantismo, como se vê.

Os SPS são uma coletânea de 55 longos poemas. Se o poeta tem um "ouvido metálico", como afirma José Guilherme Merquior⁽⁴⁾, comentando muitos desses poemas, há que se louvar o grande fôlego de GM nas suas exaustivas composições poéticas. Há poemas com mais de 240 versos (Alexandre Herculano tem-nos com mais de seicentos), e nenhum com menos de vinte versos. Convém observar-se que apesar da unidade, ou melhor, sendo uno até pela numeração que os poemas recebem, os SPS dividem-se em duas seções: uma com o título de "Suspiros Poéticos", com 43 poemas, e a segunda, com o título de "Saudades", que se compõe de doze poemas. Após algumas informações sobre as principais obras poéticas de GM, voltaremos a comentários sobre os SPS, a obra que mais interessa à estética romântica.

De 1862 é *Urânia: Hino ao Amor*, estranho livro de poesias lírico-amorosas, dedicado à esposa; é, segundo a crítica e história literária, constituído de "belas estrofes líricas" e de "contido amor conjugal." Isso compensa, de certa forma, a quase ausência de poesias lírico-amorosas percebida nos SPS, ou melhor, vem completar a estrutura mental de poeta sensível e romântico de GM. *Urânia* se constitui, assim, na expressão mais rica do lirismo em GM, no qual o poeta, livrando-se da "doença de amor e medo", como observou Mário de Andrade, cede aos "louros do amoroso cantar"⁽⁵⁾.

Quanto aos demais trabalhos do escritor, cito alguns títulos, de acordo com Sacramentos Blake, no *Dicionário Bibliográfico*, verbete MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves, reimpressão de 1970:

— "Ensaio sobre a história da literatura do Brasil", publicado no primeiro tomo da revista *Niterói*; considerado na época uma importante análise dos aspectos literários, da cultura de um modo geral, da recente independente literatura nacional;

— *Filosofia* "da religião e sua relação com a moral", também na revista *Niterói*, segundo tomo, em que se percebem as diretrizes fundamentais da poesia romântica de Magalhães, e que vai influenciar toda uma corrente da poesia no Romantismo brasileiro, tanto de um Gonçalves Dias, sobretudo nos "Hinos", de alta sensibilidade no que concerne à religiosidade e na atitude filosófica e metafísica, tão peculiar nos dois poetas, quanto nos demais poetas do subjetivismo da segunda fase romântica, como Fagundes Varela, entre outros;

(4) José Guilherme Merquior. De Anchieta a Euclides, Rio de Janeiro, José Olympio, 1977, p. 60.

(5) Mário de Andrade. Aspectos da Literatura Brasileira, 4. ed., Martins/MEC/INL, 1972.

— **Olgíato**: tragédia em cinco atos, levada à cena pela primeira vez a 7 de setembro de 1839, na restauração do teatro de São Pedro de Alcântara. Embora já embuído do espírito de renovação do teatro no Brasil, e inspirado nas transformações por que passava o teatro na França, com Victor Hugo, entre outros, encabeçando toda uma revolução artística, GM apresenta uma peça conservadora, de discutível valor estético, com a agravante de conservar o nome de tragédia, título posteriormente renegado pelos grandes românticos;

— **Amância**: romance, publicado na *Minerva Brasiliense*, nos números 9 e 10 do vol. I, de 1844. Esta obra seria antes uma novela, de romantismo exacerbado das complicações romanescas, o que prejudica em muito a sua situação de precedência na narrativa romântica no Brasil.

— **Confederação dos Tamoios**: poema épico em dez cantos, publicado em 1857, movimentou o cenário cultural do Rio de Janeiro da época, ao tornar-se motivo da crítica de José de Alencar. Esta logo se transforma na famosa polêmica, com as respostas de alguns amigos de Magalhães a defendê-lo das severas críticas do escritor cearense.

Os demais escritos do Visconde de Araguaia compõem, juntamente com os citados aqui, as **Obras Completas**, publicadas em Viena em 1864 e 1865, em oito volumes. O leitor contemporâneo dispõe aqui mesmo em Brasília de toda a obra de Magalhães, em diversas edições, a qual vem juntar-se uma "fortuna crítica" digna do homem de letras que ele foi.

Creio que sempre haverá interesse em se estudar a obra de Magalhães em seus aspectos imanentistas. Contudo ainda não se fez esse tipo de análise em que, abstendo-se de certas circunstâncias de tempo e de espaço, se desça fundo nos temas fundamentais do escritor, relevando não só a importância de sua obra para a cultura literária brasileira, mas também percebendo que ela expressa um ideal crítico e ideológico a jamais poder ser negado. Pesquisa nesse sentido foi sugerida pelo trabalho publicado em 1977 por Norman Potter e Ronald W. Sousa, professores na University of Minnesota, USA, sobre o "Liberalismo e Romantismo em Portugal e no Brasil: Projeto para uma Correlação". Comentando esse pequeno ensaio, o professor Fábio Lucas afirma que o mesmo "deixa-nos insatisfeitos pela escassez de elementos persuasivos a respeito dos contrastes entre Portugal e Brasil, quanto ao Romantismo literário e ao liberalismo social". Um comentário a esses dois textos já seria de grande proveito para melhor conhecimento da obra de Gonçalves de Magalhães. O porquê da insatisfação com o trabalho dos professores de Minnesota se explica, talvez, porquanto eles serviram-se apenas de um

poema de GM, ainda que tenha sido justamente aquele mais constantemente referido pela crítica como a profissão de fé da nova estética.

Os demais estudos sobre a obra poética de GM, entre os quais e mais sérios citamos os vários trabalhos do professor J. A. Castello, mesmo observando a imanência de texto, pretendem abarcar a sua totalidade de temas, quando então, conseqüentemente, são inclinados a fixar generalidades desfavoráveis à posição que ocupa a poética de GM na evolução da Literatura Brasileira. Revela-se como honrosa exceção a excelente, embora concentrada, análise realizada pelo professor Antonio Candido, na sua **Formação da Literatura Brasileira**, mesmo que no final do seu estudo afirme que a poética de GM "Não é grande poesia, pois Magalhães nunca andou perto dela", o que me parece bastante severo, considerando-se os pressupostos de GM, sobretudo de incentivo aos novos engenhos, e o fato de que jámais se pretendeu um formalista da modernidade do século XIX. Aliás, é inútil exigir-se formalismo dos românticos. Seus belos versos têm outros recursos poéticos, ligados sobretudo à subjetividade, espontaneidade, e conseqüentemente livres de regras ou peias. Portanto, resulta daí ou os mais severos juízos críticos, quase invalidando o papel pioneiro de GM na Literatura Brasileira, ou pelo contrário, atribuem-lhe excelência quase impossíveis de serem justificadas na obra desse grande intelectual brasileiro (Há que se distinguir em GM o poeta do intelectual. Aquele bem menor do que este.)

O primeiro elogio vem de J. M. Pereira da Silva, no número 2 da revista **Niterói — Revista Brasiliense**, 1836. Não tenho o mês, mas veio a lume logo após a publicação dos SPS, cujo Prefácio" é de julho de 1836:

É com o maior prazer, que vimos impressos os SUSPIROS POÉTICOS e as SAUDADES, do nosso patricio Magalhães: uma coleção de Odes e Cantatas, escritas segundo a inspiração, onde o patriotismo, a doçura de uma alma cândida, e a poesia se disputam a primazia: este livro é um monumento de glória erigido ao Brasil: um monumento nacional e poético: ao autor compete a duplicada coroa do primeiro lírico Brasileiro, e de chefe de uma nova escola.

Este é o nível de toda a crítica dos companheiros ou amigos do poeta oficial de Dom Pedro II, até que José de Alencar, muito justamente, porque estudando com seriedade a obra do Visconde de Araguaia, descobre-lhe as franquezas fundamentais, de forma elegante, em cartas, que passaram à nossa história literária com o título de "Polêmica à Confederação dos Tamoios. O cearense fez escola, embora não negue a GM o mérito de intelectual consciente da importância da Literatura Brasileira na cultura geral do país, sobretudo numa época de afirmação da nacionalidade e de identidade como povo culto. Mesmo

com a polêmica que se instala, com os amigos do poeta em solidária defesa, ninguém reconhece, incondicionalmente, grandes valores líricos na **Confederação dos Tamoios**.

Ferdinand Wolf, no seu **Le Brésil littéraire**, de 1862, o mais completo manual de Literatura Brasileira até Sílvio Romero, inicia outra etapa dos estudos da obra poética de GM, colocando a sua obra num meio termo, isto é, os estudos passam a ser um meio termo entre o excesso de elogios e de ataques. O austríaco historiador da Literatura Brasileira, e amigo de GM, apesar da amizade, realiza uma imparcial leitura de sua vasta obra, detendo-se nos SPS e nos épicos versos de **Confederação dos Tamoios**, explicitando muitos aspectos essenciais de sua estrutura estético-literária. Sobre os SPS, diz: "Esta coletânea fez época na literatura do Brasil ... Magalhães cumpriu sua missão poética e consagrou-se-lhe com entusiasmo verdadeiro, grande seriedade e plena consciência de seu fim." Ferdinand Wolf comenta e analisa - pois é uma análise o que ele faz da poesia de GM - muitos dos poemas dos SPS, ressaltando-lhes os aspectos fundamentais de criação artística. E quanto à **Confederação dos Tamoios**, detém-se o crítico e historiador em cada canto. Para Ferdinand Wolf, esse livro é uma "epopéia" que tornou o nome de GM mais ilustre ainda de que em virtude de suas poesias líricas e dramáticas. Juízo bem distanciado do expresso por José de Alencar. Esse será o conceito sobre GM até Sílvio Romero, por volta de 1888, quando da publicação da **História da Literatura Brasileira**, isto é, um lustro após a morte de Visconde de Araguaia. Para Sílvio Romero, o poeta "Era um talento sério, encarava tudo com certo ar de solenidade, prestes a descambar em dureza"⁽⁶⁾. Sílvio Romero, crítico tão polêmico e exigente, considera que GM "deve ser estudado com amor e interesse, porque foi um trabalhador e porque amou este país", acrescentando que a sua obra apresenta "quatro produções capitais por onde foi principalmente conhecido pelo público brasileiro. Dão a medida dos seus talentos e dos seus defeitos. O poeta lírico acha-se nos SPS; o poeta épico mostra-se na **Confederação**; o dramático encerra-se no **Antônio José**; o filósofo patenteia-se nos **Fatos do Espírito Humano**."⁽⁷⁾ Mas que não se conclua que para Sílvio Romero GM é um poeta maior. O que ele faz com os seus estudos sobre o escritor é apresentá-lo como autêntico poeta romântico. E é o que importa, pois, foi isso mesmo que GM lutou para ser na cultura literária no Brasil. E Sílvio Romero, ressaltando esses aspectos afirma: "Definir estes livros é determinar a natureza, a índole do talento do escritor; é desenhar-lhe a alma". Para Sílvio Romero, GM expressa do "Romantismo os três sestros capitais: fazer da poesia uma sucursal da

(6) Sílvio Romero, **História da Literatura Brasileira**, 5. ed., Rio de Janeiro, 1959, 5 vols.

(7) Ibid.

religião, maldizer sistematicamente o presente, divinizar o poeta e a sua missão". Considerando o ferrenho adversário do Romantismo que foi Silvio Romero, esse juízo é mais que um elogio.

Sem uma tradição de estudos monográficos entre nós até bem recentemente, é sobretudo nos manuais de História da Literatura Brasileira que se encontra a crítica a GM. De Sílvia Romero até Alfredo Bosi e José Guilherme Merquior, ela conserva-se inalterada, ainda que se possa citar a análise feita por Antônio de Alcântara Machado, insistindo sobre a feição neoclássica, segundo ele, da poesia de Magalhães. Antonio Candido diz o seguinte sobre esse trabalho: "É inexato, porém, considerá-lo "romântico arrependido", à maneira de Alcântara Machado, num ensaio aliás pitoresco e inteligente.

Alfredo Bosi, estudando a obra de GM, situa-o como representante de "O Romantismo Oficial no Brasil" e fixa a sua posição com a afirmativa cada vez mais válida de que "Coube a alguns escritores de segunda plana e introdução do Romantismo no Brasil". E os SPS são o "livro e data que a história fixou para a introdução do movimento entre nós"⁽⁸⁾. E acrescenta que a obra de Gonçalves de Magalhães "de romântico tem apenas alguns temas, mas não a liberdade expressiva, que é o toque da nova cultura."⁽⁹⁾

José Guilherme Merquior, abstraindo-se, talvez, do "manifesto" "LEDE", enfatiza a posição de GM na Niterói e não nos SPS, e afirma "O ato de fundação do romantismo brasileiro seria, com efeito, o lançamento, em Paris, da revista brasileira Niterói (1836)". E após referir-se ao ensaio de GM sobre a História da Literatura Brasileira, relacionando-o ao Romantismo europeu, diz:

O discurso-manifesto combina temas estéticos caracteristicamente românticos provenientes da escola de Iena; ... o seu nacionalismo literário é uma aplicação do particularismo historicista (valorização do especificamente nacional contra o universal), sua espiritualidade é uma forma da mui romântica mística do Todo. ... um espiritualista tingido pelo culto do eu, de repúdio à mitologia clássica, e do apego ao lirismo religioso.⁽¹⁰⁾

Qualidades ou características essas todas presentes nos SPS. Merquior termina por afirmar, mas sem se contradizer, que fora "Com os Suspiros Poéticos e Saudades que o jovem poeta se consagrou corifeu da nova escola."

⁽⁸⁾ Alfredo Bosi. *História Concisa da Literatura Brasileira*, São Paulo, Cultrix, 1970.

⁽⁹⁾ *Ibid.*, p. 106-107.

⁽¹⁰⁾ José Guilherme Merquior, *De Anchieta a Euclides*, p. 59.

Posto nesses termos, os SPS têm importância para a Literatura Brasileira por duas razões fundamentais, no que concerne à estética romântica no Brasil. Primeiramente, é por sua precedência histórica, jamais posta em questão pela crítica. Até 1836, data de sua publicação, não se fizera nada no Brasil que trouxesse essa consciência da necessidade de um renovação na poesia brasileira. Isso é feito pelo livro parisiense de GM, na Advertência "LEDE", o chamado manifesto do Romantismo brasileiro, que é datado de "Paris — julho de 1836".

Os SPS constituem uma verdadeira antologia temática do Romantismo, sobretudo de influência alemã, do grupo de Iena, como observou José Guilherme Merquior. A precedência histórica, portanto, se impõe não só pela data de publicação do livro, mas também pela estruturação estética nova que se faz em todo o livro, nas suas longas composições poéticas. A segunda razão da importância dos SPS para a Literatura consiste na teoria expressa por GM de uma nova poesia oposta à neoclássica, então na moda, embora ainda praticada pelo próprio GM. Seu livro *Poesias*, de 1832, segundo o próprio poeta, insere-se na estética passada, apesar de conter poemas "modernos" como a bela "Cantata à Morte de Lindóia", que introduz na literatura indianista do Brasil novos processos poéticos. GM retoma o tema épico de Basílio da Gama (Lindóia é a bela heroína do poema neoclássico e indianista *Uruguai*) e, com o subjetivismo peculiar aos românticos, apresenta a heroína em sublimes lamentos de amor eterno, o qual, na impossibilidade de sua realização na terra, terá na morte, com a transfiguração divina no céu, a sua perfeita união:

Esposo amado,
Eu já te sigo;
Pois só contigo,
Sempre ao teu lado
Me quero ver....
Pois que morreste,
Eu vou morrer.

Os SPS são o mais conhecido de todos os livros de GM. Ainda em vida do autor, publicaram-se três edições, a primeira de 1836, como se sabe à exaustão, uma segunda em 1859 e a terceira em 1865. As informações sobre essas edições encontram-se na quinta edição, publicada pela editora da UnB, em 1986, uma vez que o Ministério da Educação e Cultura (MEC) publicou, em 1939 - após as comemorações do centenário da peça *Antônio José ou o Poeta da Inquisição*, e ainda nas repercussões dos SPS - as *Obras Completas de D. J. G. DE MAGALHÃES*,

cujo volume II constitui, portanto, a sua quarta edição, anotada pelo professor Sousa da Silveira, com o excelente prefácio de Sérgio Buarque de Holanda. A Editora da Universidade de Brasília, em convênio com antigo Instituto Nacional do Livro, publicou em 1986, portanto, a quinta edição dos SPS, com sua grafia atualizada, um glossário, de nossa autoria, e uma apresentação do professor Fábio Lucas, então Diretor do INL. Esta edição, bastante enriquecida com novos estudos, e como um acontecimento que é, participou das comemorações dos Sesquicentenário dos SPS e, conseqüentemente, do Romantismo brasileiro. Assim divulgado, o livro principal de GM é aquele que mais tem fundamentado a crítica sobre a poética de nosso autor, crítica aliás que jamais se deteve sem os preconceitos formados a partir da publicação de **Confederação dos Tamoios**, em 1857, e da conseqüente polêmica provocada por sua leitura realizada por José de Alencar. Abro um parênteses para chamar a atenção sobre a importância dessa polêmica no que respeita ao movimento romântico no Brasil, e toda a cultura nacional, trazendo para as letras e a arte brasileiras, no Segundo Império, uma dinâmica inusitada. Provocou uma verdadeira revolução, fazendo com que se refletisse muito a sério sobre arte e cultura, em particular sobre a Literatura Brasileira. José de Alencar teoriza sobre a literatura nos países do Novo Mundo e se afirma como crítico, juntamente com Monte Alverne, que se expressam ambos com muito bom nível. Assim, todas as letras ganham com a polêmica, o que obriga todos a refletirem, com bastante seriedade, sobre o ofício de escrever. Muito válida, portanto, a polêmica sobre a **Confederação dos Tamoios**.

Dos 55 poemas que compõem o livro SPS, a maioria estrutura um discurso metalingüístico, sendo a "Invocação ao Anjo da Poesia / A Voz de Minha Alma" uma espécie de **ouverture** dessa sinfonia da Natureza, de louvores ao Cristianismo e de amor à pátria:

Já nova Musa
Meu canto inspira;
Não mais impunho
Profana lira.

Minha alma imita
A Natureza;
Quem vencer pode
Sua Beleza?

De dia, e noite
Louvo o Senhor;

Canta os prodígios
Do Criador.

E como já observamos na primeira e segunda parte deste artigo, SPS tematiza todas as realidades preferidas dos românticos. O poeta — "O Vate" - está imbuído de sublime missão: "És o Arcanjo da Justiça eterna.", portando "Opróbrio ao Vate que profana a lira! / "Opróbrio, infâmia a quem insulta o Vate." Sacrilizando, assim, não apenas o poeta, mas também dimensionando-o como valor maior da sociedade, da qual é "fanal". "A Poesia", sendo "tudo" ("Tu és tudo, oh Poesia!") põe-se a serviço da religião e é, sobretudo, essência divina: "Tu és do Eterno um suspiro, / Que enche o espaço de harmonia", noção esta reiterada no poema "Fantasia", que na arte poética é imaginação ou criação imaginativa, portanto pertinente à estética romântica. Expressa-se em GM como dádiva, com dimensão do cotidiano a ser suavizado:

Para dourar a existência
Deus nos deu a fantasia;
Quando vivo, que nos fala,
D'alma profunda harmonia.

Inversão só não faz mais poesia. Nem com esta, nem com os setisílabos, rimados, tradicionalmente sonoros (Gonçalves Dias consegue com eles verdadeira arte), GM não alcança o procurado inefável poético, mas expressa a sua teoria do poético, que é nele sobretudo a teoria de uma estética romântica. Essa série de composições metapoéticas se completa com "A Minha Lira", poema confessadamente dedicado ao amor da Pátria e da Família:

Deixei a prezada Pátria,
Deixei a mãe carinhosa;
Perdeu então minha lira
Sua voz harmoniosa.

Poema de expressão tão distante da lírica de Gonçalves Dias, posta a serviço, exaltação da Pátria, distante, realizada na "Canção do Exílio." Ou ainda com outro poema que é "O Canto do Cisne", título tão poético para um poema gâché, em que, na confissão do poeta: "Meus versos são suspiros de minha alma". Os elementos essenciais da estética romântica se difundem numa desesperada reflexão sobre o mistério da Vida e da Morte:

O que é a Vida? um contínuo
Passar das trevas à aurora;
Cadeias que nos arrasta,
Turbilhão que nos devora.

Eis a Vida!... E depois?... Mistério horrível!

Nada de mais prosaico num anúncio de tanta poesia como se expressa em poemas dessa espécie, que é o canto do cisne; a condição de lírico do poema se põe claramente no título, tema constante na literatura da subjetividade, mas aí no texto de GM isso se perde no mau emprego do lírico. Esse é o último poema dos "**Suspiros Poéticos**", com acentos de tristeza e a presença de "suspiros", típicos da poética de GM, interrogação do poeta sobre o seu destino nas letras de seu país: "Eu canto como o Cisne, sem que saiba / Se é meu último canto".

Uma outra série de poemas estrutura o romantismo de reflexão metafísica de GM, como se pode observar neste "Deus e o Homem", que é para Antonio Candido "O novo e fascinante diálogo do Homem com Deus, redescoberto enquanto alimento da sensibilidade e influxo inefável"⁽¹¹⁾; ou ainda os temas da pátria numa forma de catalogação dos seus atributos. Citemos outros poemas deste série, como "A Mocidade", "A Velhice", "A Tristeza", "O Mistério", "A Aflição", "A Consolação", "Porque Estou Triste" e "Experiência", versos paradigmáticos da poética de GM e derivadamente da estética romântica européia, numa consequente influência na estética romântica no Brasil.

Os poemas do "peregrino" amante das ruínas da velha Europa, sempre objeto de meditações profundas sobre os destinos dos homens e da pátria, compõem uma outra série na gama temática de GM. Roma, com a eternidade fixada nos seus monumentos, é o espaço privilegiado pelo poeta: "As ruínas de Roma", "A Vista de Roma", "O Suspiro à Pátria", "Roma no Coliseu", entre outros. Aliás, o motivo do suspirar pela pátria é recorrente entre os românticos e também em GM, como vemos ao repeti-lo noutro poema - "Os suspiros da pátria": "Suspiros, donde vindes? — Sois da Pátria? / Ah! sois da Pátria... Sim, eu vos conheço."

Esse tema liga-se a um outro de igual intensidade, que é o tema do exílio, real ou imaginário, metafísico ou espacial, em que o poeta busca, numa evasão característica, o espaço de idealização de harmonia e bem-estar líricos.

As altas montanhas européias, o espetáculo da natureza exuberante, motivam nova variante entre os diversos tipos de poemas de GM.

(11) Antonio Candido. Formação da Literatura Brasileira, p. 61.

Cito alguns exemplos: "Uma manhã do Monte Jura", "A flor suspiro", expressão da busca de um espaço ideal e de amor à solidão das alturas, temas característicos do Romantismo europeu.

De intertextualidade é o poema "O Cárcere de Tasso" / Em Ferrara, longo poema (127 versos), em que se revela, mais uma vez, a grande erudição do poeta brasileiro. Aqui uma acentuada preocupação com os líricos brasileiros se expressa, indiciadora da condição de "chefe" de escola de GM. Tudo é motivo para engrandecer a pátria, daí poder dizer-se que o romantismo de GM é sobretudo nacionalismo, como aliás também ocorre com quase todo o romantismo português.

A poesia tumular, até mesmo de atração mórbida, que se constitui característica constante do Romantismo, mas que em muitos escritores é sobretudo motivo para meditação sobre a enfermidade do existir, apresenta-se nos "Suspiros Poéticos" com o poema em homenagem ao lírico pré-romântico português, Filinto Elísio: "No sepulcro de Filinto Elísio" (o poeta português foi enterrado no Cemitério Père la Chaise, em Paris), onde se aprende que Portugal também se chama Lísia, e GM aproveita para metonimicamente criticar os brasileiros que se descuidam dos seus escritores e poetas, ao mostrar que Portugal renega ao esquecimento os seus maiores. Demonstra também, com esse poema, a influência do pré-romantismo português na poética romântica brasileira.

Há ainda a observar, nessa sugestão de um estudo temático na poesia de Gonçalves de Magalhães, os poemas de ingênuo lirismo, em que se insinua um certo tom de flerte, ou mesmo de contida paixão amorosa, de bem comportado sensualismo, os do tipo de "No Álbum de uma Veneziana", "A Vida da Inocência", ou este discreto "Às Senhoras Brasileiras":

Os risos do Gênio da Pátria
Agora me inspiram idéias suaves.
Os vossos encantos, ó belas patrícias,
Eu canto dulcíssimo.
Os vossos encantos de prêmio só sirvam
A quem ama a Pátria, ao sábio, e ao justo.
Deixai que ociosos, e os nossos amigos
No lodo revolvam-se.

Os poemas de homenagem aos amigos e companheiros do "Grupo de Paris", tipo de composição tão ricamente criativo em Manuel Bandeira, como se pode observar no **Mafuá do Malungo**, são em GM, embora muito sérios e eloquentes de amizade, solenes e contidos. São numerosos e com títulos bastante extensos, como se pode observar no

poema "Ao meu Ilustre e Amigo/ O Reverendíssimo Senhor/ P. M. Fr. Francisco de Monte-Alverne".

E finalmente citamos os poemas que exaltam, e ainda funcionando metonimicamente como lição aos patrícios, os heróis como Napoleão, "mensageiro" da Liberdade, sol e guia da Humanidade, mito necessário à ideologia dominante, da pátria consolidando a sua Independência política e cultural, recentemente conquistada. "Napoleão em Waterloo", "Ao General Lafayette", ou mesmo ainda o nacionalista poema "O 7 de Setembro em Paris", de tão sentidos versos, perpassados de nostalgia da pátria. Aliás, o saudosismo, que não é tema apenas do romântico brasileiro, motivaria excelente pesquisa de Literatura Comparada entre poetas brasileiros e portugueses.

Seriam essas as observações que me pareceram mais pertinentes sobre essa "antologia temática" da estética romântica no Brasil, em que se constitui o livro SPS.

Quanto ao formalismo nos "Suspiros Poéticos", isto é, uma preocupação com as regras da boa composição segundo normas, é de justiça afirmar que a mística do espontâneo entre os românticos, entre os quais se insere GM, resulta para a sua estética um tremendo antiformalismo. E mesmo poetas da importância de Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo jamais abdicam da inspiração livre em favor do estilo bem cuidado, da forma, enfim. Álvares de Azevedo chega mesmo a fazer apologia de seus "fracos versos" e "pálidas rimas". GM, mais do que qualquer outro desses poetas, terá os seus descuidos com a forma, ou melhor, com o incontento de sua emoção lírica e na ânsia de cumprir um programa em prol da fé cristã e do louvor da pátria, mas sobretudo com o entusiasmo para com a nova estética a ser divulgada, fará, em detrimento de formalismos expressivos, o primado do espontâneo e da ingênua poesia, esta de inspiração alemã. Assim sendo, se a crítica insiste em encontrar na obra de GM uma rigorosa expressão formal, desvanece-se ao deparar com um quase prosaísmo de suas poesias, mesmo as de feição neoclássicas do seu primeiro livro, *Poesias*.

Concluindo, podemos afirmar que Domingos José Gonçalves de Magalhães tem não só uma obra muito importante para a estética romântica no Brasil, mas que é, também, e muito justamente, um escritor fundamental na cultura literária brasileira. Se há muitos estudos que repetem o mesmo juízo crítico depreciativo de sua posição de primeiro poeta romântico, o que aliás é mais cômodo de ser realizado, levando-se em consideração a vastíssima obra como é a sua, com poemas tão longos que ultrapassam os duzentos versos, duros, metálicos, há outros estudos, no entanto, que contribuem enormemente para uma consciente análise de todos os processos estéticos empregados pelo escritor, quando

então a sua poética encontra o seu real espaço. Ao que nos parece, das pesquisas que realizamos de/sobre sua obra, não se deve insistir em acusá-lo de mau poeta, cuja importância seria apenas de precedência histórica, de uma data, de certa forma aleatória, cuja importância fica repartida entre a revista *Niterói* e *SPS*. Justo seria considerá-lo, antes de tudo, um escritor, este compreendido como romancista, dramaturgo, crítico, historiador e, naturalmente, poeta - o poeta dos *Suspiros Poéticos e Saudades* e de *Urânia: Hino ao Amor*.

Poeta menor, que seja, GM tem sua condição de escritor fundamental para a estética romântica brasileira assegurada pelo alto grau de consciência da renovação dos estilos poéticos e na consciência do papel que o escritor tem a desempenhar no seio da sociedade, nos momentos de extrema importância para a Literatura Brasileira, como foram os anos do Romantismo no Brasil.